

## **Ensino criativo de piano: a ação pedagógica nas adaptações das partituras em contexto de inclusão**

### **Creative Piano Teaching: Pedagogical Actions in Adapting Sheet Music in an Inclusive Context**

#### **Resumo**

**Dra. Mariana Lopes Junqueira**  
 Programa de Pós Graduação em  
 Educação  
 Universidade do Estado de Santa  
 Catarina (UDESC)  
 Gaspar, Santa Catarina, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0002-0155-8116>

**Dra. Mara Síntique Del Guerra Valério**  
 Programa de Pós Graduação em  
 Música  
 Universidade do Estado de Santa  
 Catarina (UDESC)  
 Gaspar, Santa Catarina, Brasil

**Dra. Regina Finck Schambeck**  
 Programa de Pós Graduação em  
 Música  
 Programa de Pós Graduação em  
 Educação  
 Universidade do Estado de Santa  
 Catarina (UDESC)  
 Gaspar, Santa Catarina, Brasil

Este texto tem por objetivo retratar o processo de criação pedagógica de uma professora de música que adaptou partituras em suas aulas de piano para que um estudante com paralisia cerebral pudesse frequentar as aulas. No ensino de piano, ainda é possível observar uma abordagem tradicionalista, que valoriza a ideia de que o aprendizado do instrumento exige “talento”. Essa perspectiva tradicional muitas vezes limita a inclusão de novos métodos e exclui alunos considerados “não talentosos” ou com deficiência. O estudo, de abordagem qualitativa, é um recorte de um pesquisa mais ampla que discorre sobre as adequações nos processos de ensino e aprendizagem do piano em contexto de inclusão. As adaptações realizadas pela professora estão relacionadas ao ensino criativo, que demanda que o professor utilize abordagens criativas para tornar a aprendizagem mais efetiva. Os resultados da pesquisa demonstraram que toda a adequação dos materiais para que o estudante pudesse aprender a tocar piano, refletiu na motivação dele para tocar o instrumento, de forma que foi possível observar que ele teve um interesse em passar mais tempo estudando para alcançar novos resultados. Essa experiência fez com que a professora também pudesse repensar sua prática com os demais estudantes, adaptando os materiais às necessidades de cada um para que todos pudessem se sentir motivados no aprendizado do instrumento.

**Palavras-chave:** Processos de ensino e aprendizagem; Ensino criativo de piano; Inclusão.

## Abstract

The purpose of this article is to outline the methods of pedagogical learning adopted by a music teacher who made use of musical scores in her piano lessons so that a student with cerebral palsy could attend the classes. This means the method of teaching the piano can still follow a traditionalist approach that fully recognises the view that learning the instrument requires “talent”. This traditional standpoint is often restricted to the inclusion of new methods, while failing to take account of those who “lack talent” or are handicapped. The study which adopts a qualitative approach, is a passage taken from a more wide-ranging research project which examines the kinds of adjustments required for both teaching and learning the piano within a culture of inclusion. Those carried out by the teacher are linked to creative learning which requires the teacher to employ creative strategies to make the learning more effective. The outcome of the research showed in what ways the materials were adapted to ensure the student could learn how to play the piano, and this was reflected in his motivation to play the instrument as well as making clear the extent of his desire to spend more time studying to achieve further progress. This experience meant that the teacher could reconsider her practice with other students by adapting the materials to the needs of each individual so that they could all feel encouraged to improve their learning of the instrument.

**Keywords:** Teaching and learning methods; Creative piano teaching; The culture of inclusion.

## Introdução

Na música por muito tempo a criatividade esteve atrelada aos grandes compositores da música ocidental, como Bach, Mozart, Beethoven ou Chopin, em alguns casos ainda se têm esse olhar para a criatividade em música, que Burnard (2012) denomina como uma visão romântica da criatividade. Essa visão atrela a criatividade à pessoas que tem um talento inato.

Sobre o piano, ainda é possível observar um tradicionalismo existente em torno do ensino do instrumento, no qual se exige horas de repetição ao piano em busca de um virtuosismo. Isso se dá por conta de peças escritas por compositores como Liszt, Chopin, entre outros, que exigem virtuosismo para a sua execução, fato que muitos professores do instrumento realizam um trabalho voltado para essas peças, buscando que os estudantes alcancem esse nível de virtuosismo. Na mesma perspectiva, Glaser e Fonterrada (2006) apontam que os professores de instrumento em sua maioria, direcionam os processos de ensino buscando a alta performance dos alunos. Portanto, muitas práticas pedagógicas no ensino de um instrumento musical, acabam por valorizar o produto final e não o processo.

Diante dessa valorização do produto e da alta performance, alunos que não conseguem alcançar esses resultados ou que possuem alguma deficiência, trazendo limitações para uma “alta perfomance” na visão de um ensino tradicional, ficam afastados

do ensino do instrumento. Conforme Lemos (2012) processos de ensino e aprendizagem do instrumento piano com base em uma concepção mais tradicional acabam afastando a adoção de novas ideias assim como afastam, também, o ensino de piano para alunos considerados “não talentosos” e alunos com deficiência. Neste aspecto, o professor ao valorizar o processo, pode por meio da criatividade, romper paradigmas nos processos de ensino e aprendizagem musical, assim como oportunizar um ensino mais inclusivo para todos.

Para este artigo, temos como objetivo retratar o processo de criação pedagógica de uma professora de música que adaptou partituras em suas aulas de piano para que um estudante com paralisia cerebral pudesse frequentar as aulas. Os dados que serão discorridos neste texto, foram coletados no período de 2018 a 2020 (Valério & Schambeck, 2021) e os resultados apontaram que todo o processo de criação nas adaptações das partituras pôde abrir novas perspectivas para o ensino do piano para um público que se encontrava distante desta prática instrumental.

Para melhor compreensão, o texto foi dividido em 3 tópicos, em que o primeiro, discorre sobre o contexto da pesquisa em que este artigo foi embasado, o segundo sobre o ensino criativo na prática pedagógica e o terceiro com as considerações e discussões finais, com reflexões acerca do processo de criação da professora em adaptar as partituras para piano em contexto de inclusão.

### **Contexto da pesquisa: inclusão do aluno com paralisia cerebral nas aulas de piano**

Este artigo, é recorte de uma pesquisa de mestrado realizada entre 2018 a 2020 (Valério & Schambeck, 2021) finalizada, em que teve como objetivo os processos de ensino e aprendizado do piano para estudante com paralisia cerebral hemiplégica espástica esquerda. Os dados foram coletados em escola livre de música, na cidade de Bauru (São Paulo/Brasil) e abrangeu vídeo das aulas do estudante com paralisia cerebral e entrevistas realizada com o estudante, a mãe e demais estudantes da escola de música. Na ocasião da pesquisa, a escola de música atendia 200 estudantes em que foram identificados 5% de alunos que apresentavam algum tipo de deficiência, entre elas, como Síndrome de Down, Autismo e Deficiência Intelectual. A escolha pelo estudante com Paralisia Cerebral foi pelo fato da escassez de publicações sobre a temática e também pela família e o estudante se mostrarem dispostos a participarem da pesquisa. Para melhor compreensão, será discorrido sobre os participantes da pesquisa desenvolvida por Valério & Schambeck (2021).

Pedro,<sup>1</sup> o estudante com paralisia cerebral, estava com 12 anos em 2021 e frequentava a escola de música desde os 6 anos de idade. Pelos relatos coletados nas entrevistas, quando Pedro ingressou na escola, não movimentava a mão e o braço esquerdo. Primeiramente cursou aulas de canto e com o apoio e incentivo da professora e da mãe passou, na sequência, a frequentar as aulas de piano pelo fato do instrumento trabalhar as mãos de maneira independente, o que lhe permitiu adaptações das peças apropriadas para cada mão (ver Figuras 1 e 2).

---

<sup>1</sup> Nome fictício para preservar a identidade do aluno.

Ressalta-se que Pedro, com o apoio da família, foi submetido desde o nascimento à tratamentos terapêuticos o que lhe proporcionava um ambiente estimulador e prazeroso. Pelo estudante apresentar dificuldades motoras, a mãe relatou que o acompanhou em diversas aulas de piano para poder auxiliar, principalmente na locomoção e sustentação no banco do piano. Para oportunizar o ensino do instrumento ao estudante, a professora adaptou as partituras existentes, permitindo assim que o estudante pudesse tocar o instrumento, conforme o movimento do braço e da mão se desenvolviam.

### **Ensino criativo: a inclusão por meio da ação pedagógica**

Para oportunizar o ensino aprendizagem do instrumento piano para o estudante Pedro, a professora adaptou as partituras para que ele pudesse ir desenvolvendo, simultaneamente, a sua musicalidade e coordenação motora. Podemos observar adaptações realizadas pela professora nos exemplos abaixo:

**Figura 1.** Partitura da Lição 49



Nota: Transcrita por Mara Síntique (2020) de Botelho (s.d./p.54).

**Figura 2.** Partitura da Lição 49



Nota. Adaptada por Mara Síntique (2020) de Botelho (s.d./p.54).

Percebe-se pela figura 1 (partitura existente) que a mão esquerda está escrita em semínimas, duração de 1 tempo com notas duplas e a mão direita com notas em semínimas e mínimas (duração de um e dois tempos, respectivamente). Na partitura adaptada, conforme figura 2, nota-se que houve a apropriação da escrita para cada mão, em que a direita está escrita em semibreves e mínimas (duração de 4 e 2 tempos, respectivamente) e a mão esquerda em 2 tempos sem notas duplas, repetindo a mesma nota devido à pouca mobilidade alcançada naquela ocasião.

Essa iniciativa da professora em adaptar os materiais, oportunizando que o estudante aprendesse o instrumento e que pudesse participar de aulas coletivas, está relacionada com o ensino criativo, que vai além das práticas educativas tradicionais. O ensino criativo demanda que o professor utilize abordagens e recursos variados para tornar a aprendizagem mais efetiva e significativa, ou seja, demanda a criatividade do professor (Craft, 2005).

Conforme Craft (2002), podemos distinguir a criatividade “*big C*” que são as realizações de grande impacto em uma área de conhecimento, cujo resultados impactam a sociedade, e a criatividade “*little c*”, que é a criatividade da vida cotidiana.

No caso da professora, a criatividade “*little c*” está presente em suas adaptações de partituras e materiais, permitindo que o estudante tenha acesso aos materiais de maneira inclusiva e personalizada. A criatividade “*little c*” é impulsionada pelo “pensamento de possibilidade”, caracterizado pela capacidade de questionar o status quo e imaginar alternativas, um processo que se inicia com perguntas como “e se....?”. Conforme Craft (2010, p. 121) o pensamento de possibilidade é “o meio pelo qual são feitas perguntas ou pelo qual os problemas são inicialmente abordados – tudo pela graça das múltiplas manifestações de um ‘e se...?’”. Assim, podemos identificar que foi o pensamento de possibilidades que levou a professora a buscar novas estratégias, desafiando concepções tradicionais de ensino musical, as quais poderiam desconsiderar a capacidade do estudante para aprender o instrumento.

Outro aspecto relevante é a escassez de materiais adaptados para o ensino de instrumentos musicais para alunos com deficiência. Esse contexto torna a criatividade do professor um recurso importante, pois a falta de recursos específicos, requer a criação de soluções personalizadas. Cada adaptação nas partituras e nas atividades é um exemplo de criatividade “*little c*”, pois são mudanças práticas que visam oportunizar o aprendizado e a participação do estudante nas aulas. Essa adaptação de materiais não só promove a inclusão, como também, incentiva o desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas de maneira gradativa.

À medida que o estudante progredia em sua coordenação motora, principalmente da mão esquerda, a professora dificultava as adaptações gradativamente, promovendo um desenvolvimento contínuo de suas habilidades. Esse processo não só fortaleceu a autonomia do estudante, como também lhe permitiu participar ativamente das aulas de banda, onde pôde tocar solos e acompanhamentos.

## Conclusão

A partir dos relatos do aluno Pedro, da mãe, dos estudantes e do diretor da escola, pôde-se coletar dados relativos à ação pedagógica da professora de piano, que adaptava as partituras respeitando as subjetividades motoras de Pedro, com estímulos e exercícios que puderam desenvolver o movimento, principalmente da mão esquerda e, também, de conceitos musicais, leitura da partitura, de acordes, conceitos rítmicos e melódicos. Nota-se que a ação pedagógica da professora foi distinta das práticas tradicionais de ensino, pois ao adequar as partituras, notou-se um traço criativo nos processos de ensino e aprendizagem musical, o que proporcionou a inclusão do estudante com Paralisia Cerebral nas aulas de música (Valério & Schambeck, 2021).

A ação pedagógica da professora em adaptar as partituras, pôde permitir que o estudante tivesse acesso ao aprendizado do piano pela perspectiva da inclusão. Ressalta-se que, o diretor e demais estudantes da escola de música relataram que identificaram o desenvolvimento de Pedro, principalmente quando o estudante passou a frequentar as aulas em grupo oferecidas pela escola. Os relatos demonstraram que além do desenvolvimento motor, houve a precepção do progresso no aprendizado do instrumento e na consciência musical do estudante ao tocar as partituras juntamente com os demais integrantes das aulas da banda. Todo o processo de aprendizado do piano também influenciou nos demais contextos que Pedro frequentava, como por exemplo, a participação na banda da escola regular, apresentações no centro de reabilitação que frequentava e em demais locais da cidade de sua residência. Neste sentido, as adaptações nos processos de ensino e aprendizagem também puderam dar autonomia para que Pedro participasse de atividades externas à escola de música promovendo socialização e também autonomia para participar das atividades sem a presença da professora e da mãe.

Essa experiência fez com que a professora também pudesse repensar sua prática com os demais estudantes, adaptando os materiais às necessidades de cada um, para que todos pudessem se sentir motivados no aprendizado do instrumento. Nesse sentido, podemos refletir sobre a importância do ensino criativo para o professor de música, que busca uma maneira de adaptar as atividades e aulas, à realidade dos estudantes, tornando assim o ensino de música mais inclusivo.

## Referências

- Botelho, A. [s.d.]. *Meu piano é divertido*. (Vol. 1). Ricordi.
- Burnard, P. (2012). Rethinking ‘musical creativity’ and the notion of multiple creativities in music. In: Odena, O. *Musical creativity: insights from music education research*. (pp. 5-27). Ashgate.
- Craft, A. (2002). A rationale for little c creativity. In: Craft, A. *Creativity and early years education: a lifewide foundation*. (Cap. 2, pp. 39-50). Continuum.
- Craft, A. (2005). *Creativity in schools: tensions and dilemmas*. Routledge.
- Craft, A. (2010). A criatividade e os ambientes da educação infantil. In: Paige-Smith, A., & Craft, A. *O desenvolvimento da prática reflexiva* (pp. 120-135). Artmed Editora.

- Glaser, S., & Fonterrada, M. (2006). Ensaio a respeito do ensino centrado no aluno: uma possibilidade de aplicação no ensino do piano. *Revista da Abem, Porto Alegre*. (15), 91-99.
- Lemos, D. (2012). Considerações sobre a elaboração de um método de piano para ensino individual e coletivo. *Revista do Conservatório de Música da UFPel*, (5), 98-125.
- Valério, M. S. D. G., & Schambeck, R. F. (2021). Processos de ensino e aprendizagem do piano para aluno com paralisia cerebral: escola livre de música como espaço inclusivo. *Revista da Abem*, 29, 294-316.